

A ICONOGRAFIA FOTOGRÁFICA COMO FONTE DOCUMENTAL: UM DIÁLOGO ENTRE A MEMÓRIA E A INFORMAÇÃO

PHOTOGRAPHIC ICONOGRAPHY AS A DOCUMENTARY SOURCE: A DIALOGUE BETWEEN MEMORY AND INFORMATION

Karoline Gomes de Sousa, Universidade Federal do Ceará -
karolinegsousa@gmail.com
Virginia Bentes Pinto, Universidade Federal do Ceará - vbentes@ufc.br

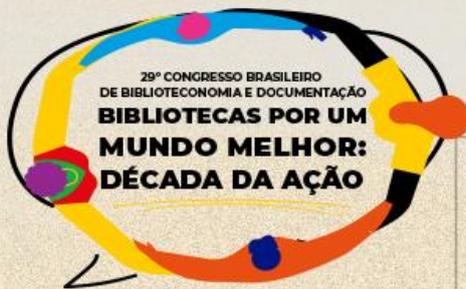
Eixo Temático 4: Ciência da Informação.

1 INTRODUÇÃO

No cenário da sociedade contemporânea a imagem possui grande evidência sob diversos âmbitos das relações humanas, seja no contexto individual ou social. Mas esta relevância não é algo recente ou característico de tempos midiáticos, pois na verdade as representações imagéticas estão presentes desde a era pré-histórica e acompanha a humanidade, desde então, numa íntima ligação que denota o poder informacional contido nas imagens assim como a sua importância, enquanto recurso visual, contribuindo diretamente com a comunicação.

Nesse sentido, Maimone e Tálamo (2008, p. 2) debatem acerca da iconografia ser eficiente enquanto fonte comunicacional “[...] uma vez que, como qualquer outro documento, as imagens são fontes de informação, veículos de comunicação e, assim sendo, permitem geração e complementação de conhecimento”. Deste modo, a iconografia se configura como fonte primária na qual podemos identificar e reconstituir relatos de narrativas históricas que representam um corte do tecido social na qual a imagem se insere, como é bastante utilizado pela História da Arte, ciência esta que é o berço da iconografia.

Em seu constante movimento de transformação, a humanidade tem dado passos largos rumo à procura de alcançarmos a primazia tecnológica. Isto repercute diretamente nos modelos representativos da sociedade, ou seja, se antes nos abrigávamos nas pinturas para representar fatos históricos, hoje temos modernos recursos imagéticos proveniente dos avanços tecnológicos que nos



auxiliam em diversos campos do conhecimento: a exemplo das fotografias.

Felizardo e Samain (2007, p. 215) defendem que:

A fotografia foi um fenômeno que revolucionou a memória, a sociedade da época e o pensamento moderno. A concepção e visão de mundo se alteraram a partir do seu advento. Ela, com sua chamada visão imparcial, precisa, metódica, inequívoca, muito contribuiu nos campos da evolução tecnológica, informativa, dedutiva, historiadora, do campo social e antropológico.

Partindo dessa premissa, a fim de compreendermos a relação informacional da fotografia com a documentação, entendemos as iconografias fotográficas, a princípio, como fontes primárias que permitem não somente a representação imagética de diversas nuances que permeiam a realidade, mas garante também o acesso às informações contempladas pela fotografia que registra, constrói e assiste a memória além de sustentar-se como importante fonte documental.

2 DOCUMENTO SEGUNDO A COMPREENSÃO EPISTÊMICA DE OTLET E BRIET

Considerados como os precursores no campo da documentação, Paul Otlet e Suzanne Briet desmistificaram o entendimento acerca do documento, ultrapassando o dogma primordial do registro em suporte papel como determinante para caracterizá-lo, pois para esses documentalistas o conceito de documento deve ser amplo assim como as diversas naturezas possíveis de manifestação e registro físico da informação.

Otlet produz em 1934 a obra intitulada: *Traité de Documentation: Le livre sur le livre – Théorie e Pratique*, cuja sua principal intenção é apresentar as diversas reflexões acerca dos conceitos e teorias que regem a documentação, assim como alertar para a necessidade de desenvolvimento de uma ciência que perpassa a bibliografia, possibilitando o acompanhamento desse documento durante todo o seu percurso de evolução, ou seja, a bibliologia.

Segundo Guerra e Pinheiro (2009, p. 3) o pioneirismo de Otlet ao acrescentar as fotografias como pertencentes à esfera da documentação permitiu expandir “[...] a definição de documento de forma a contemplar as representações imagéticas.” Otlet, de fato, estava muito à frente das ideologias repercutidas acerca de como se caracterizar um documento naquela época, pois em seu livro ele inclui um capítulo



para abordagem de documentos imagéticos, com o intuito de ampliar o entendimento engessado acerca do que é documento.

Superando o conceito documental para somente elementos textuais, Paul destaca os elementos gráficos e principalmente a fotografia, como documentos iconográficos. Para Otlet, conforme dialogam Guerra e Pinheiro (2009, p. 4) a fotografia é considerada a mais importante forma de representação gráfica da documentação.

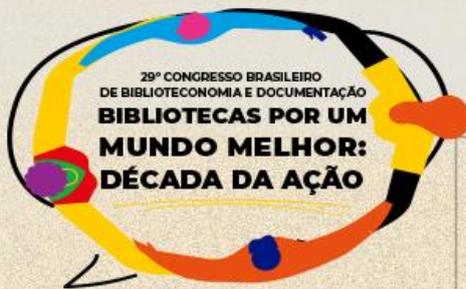
Discípula de Otlet, a bibliotecária e documentalista francesa Suzanne Briet também contribuiu para o avanço dos estudos de documentação quando lança o importante manifesto intitulado “Qu’est-ce que la documentation?” (1951), no qual além de defender e dar continuidade aos princípios estabelecidos por Otlet, reitera a necessidade do registro para garantir a função documental de cada objeto, visto que sem notoriedade não há como constatar a veracidade de um fato.

Briet exemplifica os princípios da documentação utilizando a figura do antílope, no qual explana que um animal selvagem solto em seu habitat natural não se configura como documento. Entretanto, os registros feitos a partir de sua captura para exposição em um zoológico, por exemplo, o tornaria documento visto que “O antílope catalogado é o documento inicial que gera a partir disso, outros documentos.” (TONELLO; MADIO, 2018, p. 85).

Portanto, a questão documental abordada nos estudos de Paul Otlet e Suzanne Briet, sobretudo trata da ressignificação do olhar sobre as coisas e principalmente sobre a ampliação do prisma do quais diferentes objetos podem ser considerados documentos. Assim, a partir da catalogação se atribuem dados que nos garantem caracterizar como documento desde seres vivos até fotografias, a exemplo do foco deste estudo, tendo em vista que o registro inicial nos permitirá recuperar informações acerca do objeto em questão, o que o ratifica como fonte documental.

2.1 Iconografia Fotográfica: Uma Fonte Documental

Tendo a compreensão de que todo documento em seu contexto de uso se configura como fonte informacional, independentemente das áreas de domínio do



conhecimento, nos debruçaremos na iconografia fotográfica a partir da perspectiva da documentação, para que possamos compreendê-la não somente como fonte documental, mas também acessá-la como fonte primária de informação para que possamos ampliar nosso entendimento sobre um registro do conhecimento histórico.

Segundo Sá (2018, p. 96):

O trajeto feito pela fotografia, que a fez passar de uma invenção do século XIX, caracterizada pelos traços puramente documentais de representação da realidade, para a sua utilização como uma ferramenta eficaz de análise da sociedade e da cultura, andou em paralelo com a mudança no conceito de documento que reverberou sobre o valor epistemológico negado e ora agregado à imagem fotográfica como documento na pesquisa e produção científica.

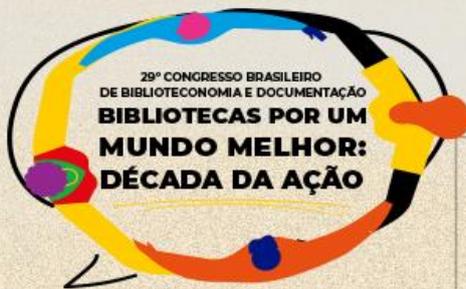
Para Tonello e Madio (2018, p.82),

Não há dúvida de que, na sociedade contemporânea, a imagem fixa e em especial, a fotografia, é fato e presença marcante, seja em seu contexto cultural, educacional e social, proporcionando a difusão do conhecimento e da informação registrada a todos que tenham acesso a ela.

É importante ressaltamos que a fotografia documental transcende o caráter de registro simplista do cotidiano que imperam as redes sociais em geral, pois seu foco diverge da forma recreativa dos recursos fotográficos utilizados pela maior parte dos usuários. Silva, Santos e Mello (2016, p.68) defendem que a fotografia documental é aquela que se propõe ser um registro fiel de seu lugar e de seu tempo.

Entretanto, os autores complementam que independentemente do tema abordado no registro fotográfico, a foto nos permite acessar não somente o fato gravado e utilizado como evidência de uma dos vértices da realidade, mas também demonstra a ótica por trás da lente do fotógrafo, ou seja, o olhar que ele tem para com o mundo. “A fotografia, portanto, foi conquistando aos poucos o *status* de fonte expressiva de informação e consolidando-se como documento em razão de atestar visualmente determinado fato.” (TONELLO; MADIO, 2018, p. 78).

No caso das iconografias fotográficas é necessário resgatarmos aquele registro desde a sua criação, através da compreensão da intencionalidade do fotógrafo sobre o recorte do tecido social, a escolha dos elementos e ângulos a serem contemplados pela fotografia, assim como a perspectiva direcionada, pois conforme ressaltam Brandão e Mascarenhas (2018, p.91) “[...] cabe à imagem uma função, reforçando-se, dessa maneira, a importância de sua compreensão histórica,



com o intuito de evitarem-se distorções em sua interpretação, devido ao desconhecimento de seus objetivos.”

Rocha (2004, p.35-36), essa percepção da unicidade temporal de cada âmbito social, fato histórico, atrelado, ainda, ao contexto sociocultural “é, ao mesmo tempo que uma busca, uma tarefa necessária para aqueles que procuram interpretar, representar com imagens o mundo em que vivem e as realidades que se aproximam”. Entretanto, para Brandão e Mascarenhas (2018, p.89):

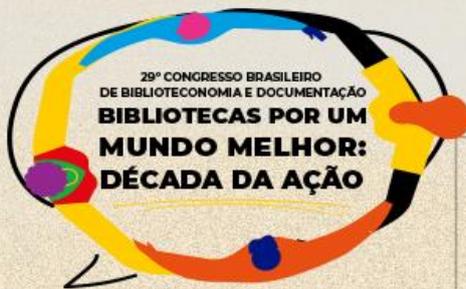
A foto documental, embora um registro mecânico, não pode ser considerada, da mesma forma, idêntica ao real, pois também envolve uma série de elementos entranhados a ela, como a visão particular do sujeito por trás da câmera ou a eternização de um instante espaço-temporal, não a totalidade de um acontecimento real. Por isso, faz-se necessário contextualizá-la, questionar o motivo de ter sido tirada de tal forma, lembrando sempre de não considerá-la como verdade absoluta.

Segundo Sardelich (2006, p. 459) “As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento”. Logo, destacamos a propriedade relevante das iconografias fotográficas, enquanto fontes portadoras de conhecimento e facilitadoras na geração de novos campos de estudos, podendo agregar valores na construção e compreensão dos fatos históricos assim como a percepção de uma das esferas da realidade representada. Sob esta ótica, Paiva (2002, p.17) elucida que:

A iconografia é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto, ela é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem que ser explorada com muito cuidado.

Neste sentido, Giannotti (2003, p. 97) esclarece que “os fenômenos visuais são codificados como uma linguagem, e a compreensão de uma obra parece implicar um entendimento prévio dos códigos de cada cultura”. Afinal, para interpretação de qualquer imagem, é preciso termos “[...] entendido os valores e contextos de produção”. (CECATTO E MAGALHÃES JÚNIOR, 2011, p.10).

Ou seja, para que a leitura iconográfica das fotografias ocorra efetivamente é preciso que os códigos transmitidos nas imagens estejam alinhados ao contexto histórico-cultural, assim como o leitor seja conhecedor da linguagem codificada, de modo a ser apto a decifrá-la. É oportuno salientarmos que a leitura iconográfica não



é algo engessado, pois ela depende diretamente das convenções sociais, históricas e culturais de cada sociedade, o que a torna passível de modificações.

Nesta perspectiva, percebemos que as descrições imagéticas sofrem também essas interferências mediante as interações de cada contexto. “Por isso, diante de uma imagem fotográfica, a contextualização é imprescindível, principalmente pelo fato de que o tempo, em que se encontra seu receptor não será o mesmo de quando ela foi tomada.” (BRANDÃO; MASCARENHAS, 2018, p. 96).

A partir desse prisma, cabe ressaltamos, conforme Oliveira (1999, p. 73), que “a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, [...]”. Portanto, percebemos o papel das iconografias fotográficas como imponentes fontes documentais que permitem inferências acerca das sociedades representadas, sendo, ainda, fontes primárias importantes para a apreensão das narrativas históricas.

2.3 A Fotografia Como Subsídio Da Memória E Da Informação

A fotografia é uma ferramenta eficiente enquanto linguagem não verbal, pois torna possível o desdobramento da capacidade de nos comunicarmos e garantirmos a transmissão de informações por intermédio da linguagem imagética. Em verdade, como bem argumenta Souza e Trinchão (2013, p.137):

[...] a imagem se expressa como uma forma de linguagem, nesse aspecto, depois da linguagem oral e escrita, uma das melhores formas de comunicação é o registro de imagens, que tem em si um potencial inquestionável para a transmissão de mensagens, devido à capacidade criativa do ser humano em reproduzir projeções mentais daquilo que pensa ou sente.

Guerra e Pinheiro (2009, p.3) atentam que “na Ciência da Informação, a fotografia é basicamente estudada como documento e informação no âmbito da representação e recuperação da informação fotográfica e de soluções de arquivamento e preservação.” Destarte, a fotografia, enquanto ferramenta da comunicação, se caracteriza como fonte informacional, de modo a contribuir para a construção da memória social, que a assevera como documento.

“Também na fotografia, o espaço e o tempo cravados no recorte são



elementos indissociáveis, são marcas indeléveis à sua construção e de vital importância a sua rememoração”. (FELIZARDO; SAMAIM, (2007, p.215). Os autores reiteram ainda que “assim como a fotografia, a memória também recria o “real”. Portanto fotografia é memória e com ela se confunde”. (2007, p. 218). Mas para Guerra e Pinheiro (2009, p.8), “[...] a imagem fotográfica é um signo arbitrariamente convencionado para representar o real” o que sinaliza o caráter polissêmico das fotografias, que precisam necessariamente da análise contextual para que possam validar o que é retratado.

“Nesse contexto, a fotografia subverte as opiniões a seu respeito, e passa a ser vista como a forma mais adequada de representar, não só as ciências, mas também os acontecimentos históricos, culturais e sociais.” (TONELLO; MADIO, 2018, p.87). Assim, a fotografia documental retrata não somente a possibilidade de um registro da realidade imediata como também as nuances que se desmembram do contexto histórico-social e político na qual ela está inserida.

Logo, como documento, a iconografia fotográfica reflete e instiga também um olhar crítico para com a compreensão dos fatos registrados, principalmente por serem carregadas de intencionalidade, afinal o que uma imagem é capaz de dizer sem sequer emitir um sinal sonoro ou expor uma palavra?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visou refletir acerca da iconografia como fonte documental a partir dos conceitos de documentos estudados por meio da ótica de Paul Otlet e Suzanne Briet. Posto isso, entendemos as fotografias, assim como os acervos compostos por iconografias fotográficas, como fontes documentais que possibilitam, além de um diálogo com as fontes de informações textuais, excelentes formas representativas das esferas da realidade.

Apesar da subjetividade que muitos agregam tanto à produção da fotografia quanto à leitura de seu observador, é inegável que os registros fotográficos são considerados ferramentas importantes para a construção e fomento da memória, tanto no âmbito da vida individual, mas principalmente no cenário social. Logo, a fotografia documental se destaca principalmente por requerer o aprimoramento dos códigos visuais presentes na imagem retratada, somado ao conhecimento do



contexto histórico do registro, para que possamos desenvolver um senso crítico que nos capacite à leitura imagética, a fim, é claro, de identificarmos as informações e as intencionalidades do fotógrafo ao inscrever a imagem na eternidade.

Portanto, posto sua função documental, as iconografias fotográficas legitimam os registros das faces da realidade exposta e se configuram como imponentes veículos informacionais, excelentes mecanismos para a comunicação visual, notórias ferramentas na construção de um diálogo com a memória e, além disso, enquanto fontes documentais, garantem não somente o acesso a parte do enredo historial, mas permitem também a validação e a comprovação dos fatos como resultante da narrativa das relações humanas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Jack; MASCARENHAS, Mariana da Cruz. Fotografia documental: representação do mundo ou construção do real? **LÍBERO**, n. 42, p. 88-102, 2018. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/989>. Acesso em: 27 fev. 2022.

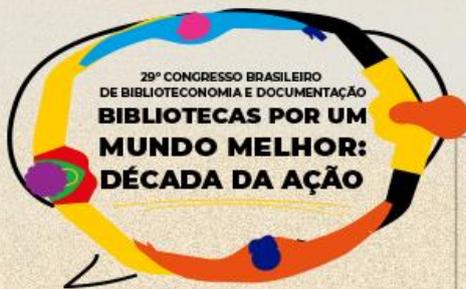
BRIET, Suzanne. Qu'est-ce que la documentation? Paris: Édit. 1951.

CECATTO, A.; MAGALHÃES JUNIOR, A. G. A iconografia e o ensino de história: potencialidades e possibilidades. *In: Encontro de pesquisa e pós-graduação em humanidades*, 2., 2011, fortaleza. semana de humanidades, humanidades: entre fixos e fluxos, 8., 2011, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p. 1-15.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500> Acesso em: 05 mar. 2022.

GIANNOTTI, M. A imagem escrita. **ARS**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 91-115, 2003. DOI: 10.1590/S1678-53202003000100009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/2904>. Acesso em: 11 fev. 2022.

GUERRA, Cláudia Bucceroni; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. A imagem fotográfica como documento: desideratos de Otlet. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 2009, João Pessoa. Disponível em:



<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/69/1/PinheiroGENANCIB2009.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2022.

MAIMONE, G. D.; TÁLAMO, M. F. G. M. Tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas no contexto da ciência da informação. **DataGramaZero**, v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6242>. Acesso em: 02 out. 2021.

OLIVEIRA, Lisbeth. Fotografia documental e início do fotojornalismo. **Comunicação & Informação**, v. 2, n. 1, p. 63-77, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22845>. Acesso em: 20 maio 2022.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

PAIVA, E. F. **História e imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROCHA, Everaldo. Imagem e Cultura Popular: uma abordagem fotográfica documental. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12639>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SÁ, Alzira Tude de. A imagem fotográfica como representação e documento: um estudo a partir das fotografias de objetos da sala de visitas do escritor Jorge Amado. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/37898/19695>. Acesso em: 25 de fev. 2022

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, pág. 451-472, ago. de 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 de fev. 2022.

SILVA, Debora Aparecida da; MELLO, Neli Demonico de; SANTOS, Klinger Atuy dos. Uso da fotografia documental como fonte histórica. **Revista Educação-UNGSer**, v. 11, n. 2 ESP, p. 67-79, 2016. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2334>. Acesso em: 05 de mar. 2022.



SOUZA, S. dos S.; TRINCHÃO, G. M. C. Educação e desenho: a importância da compreensão da iconografia e da iconologia na análise do livro didático. **InterSciencePlace – Revista científica internacional**, ed. 26, v. 1, a. 07, p. 132-146, jul./set. 2013.

TONELLO, Izângela Maria Sansoni; MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia como documento: com a palavra Otlet e Briet. **Informação & Informação**, v. 23, n. 1, p. 77-93, 2018. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32504>. Acesso em: 27 fev. 2022.